

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.375

Sábado, 19 de Maio de 1923

PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

A greve marítima prossegue com firmeza. O pessoal da Exploração do Porto de Lisboa aderiu ao movimento não tendo ontem trabalhado. A Federação Corticeira aconselhou os corticeiros a não fazer cargas e descargas de cortiça.

Uma greve calma

que contrasta com os desejos de desordem que as autoridades já estão demonstrando

Firmeza e tranquilidade para vencer

Mantém-se a greve geral das classes marítimas com uma serenidade, uma ordem, uma disciplina dignas de registro. Os trabalhadores marítimos foram para a greve conscientemente, sabendo que iam cumprir um alto dever de solidariedade—aquela forte solidariedade que todos os que trabalham e sofrem devem manter entre si.

Todas as principais carreiras de navegação estão paralisadas. No rio Tejo não cruzam os barcos, como dantes. Há uma serenidade, uma paz, uma quietude, que representa uma força—a força asombrosa das classes em greve.

Cacilhas, Porto Brandão, Trafaria, Aldegaleta e Seixal não tem vapores. As comunicações estão completamente transtornadas. Apenas o pessoal dos vapores do Barreiro pertencentes aos Caminhos de Ferro do Estado trabalha ainda, por ser considerado ferroviário. Não há um gesto exaltado, uma exclamação apoplética. Pressente-se uma firmeza, uma consciência decidida que não necessita de espalhafato para manifestar-se. A maior manifestação de revolta contra uns cavalheiros gananciosos que conduziram um conflito, que facilmente se poderia resolver, a estas proporções formidáveis—é a greve.

Desordem estão já as autoridades dispostas a fomentar. Já prenderam parte da tripulação do vapor *Peniche* que entendem—e entendem muito bem—não trabalhar. Desordem quer provocar a polícia que, saltando sobre todas as leis, procura activamente para o prender, sem motivo justificado, alguns elementos da Federação Marítima. Desordem quer a polícia do Porto que está já perseguindo alguns marítimos do Norte.

O público que aprecie o contraste flagrante entre a serenidade, a correcção, a calma consciente dos grevistas e a má fé, os intuitos dos detestáveis dos mantenedores da ordem.

O governo não pode seguir outro caminho—para seguir um caminho recto que o prestígio aos olhos de toda gente—senão chamar os patrões que conduziram os marítimos a tomar uma resolução extrema e «metê-los na ordem», demonstrar-lhes que a sua teima inverosímil só prejudica o país.

Em nome dos interesses do país, convença o governo o patronato a largar os cordões da sua bolsa repleta e a dar a quem trabalha, e nada tem, o indispensável para viver.

ARTE E ARTISTAS

NOTAS & COMENTÁRIOS

Azedume inexplicável

O sr. Brito Camacho critica, no número da *Luta* ontem vindo a lume, os políticos que tendo criado esplêndidas situações por intermédio da política nem sequer assinam o referido jornal. Como deve ser cruel o efeito que a ingratidão dos que se governaram produz naqueles que lhes ergueram a vida! A altura económica da fortuna. Contudo é estranhável o azedume do sr. Brito Camacho pelos políticos ingratos. Então o director da *Luta* não sabe que política, arte de governar os homens, nunca passou de meio propício ao bom governo de alguns homens?

Responsabilidades

A tragédia do 19 de Outubro está prestes a finalizar. Soam agora as últimas descargas da oratória dos defensores. Produzem-se nesse liquidar de justiça militar as mais curiosas declarações. Ontem um advogado acusou o político, responsabilizando-o pelo ambiente de revoluções e ódios que ele formaram. Nada mais verdadeiro! Mas os políticos não o confessam porque o espelho do 19 de Outubro reflecte 5 cadáveres. Essa visão de morte é repêlida por aqueles que para vencer a política não hesitam em lançar o crime e a morte nas ruas.

Ainda os galeiros

A epidemia criminal dos galeiros alastra. A extensão no número dos galeiros corresponde a intensidade dos seus delitos. São eles, os causadores dum novo perigo para o inquilinato. Os prédios agora construídos não tem água. Os inquilinos que aceitam, impiedosa lei da necessidade, tão perigosa condição, correm, além de vários e importantes prejuízos o grave risco de morrer queimados. Pedir providências contra os galeiros ainda produz outro grave risco: enrouquecer gritando contra os surdos, desesperar de iluminar a visão aos cegos, a esses cegos e surdos incuráveis e perversos da Câmara Municipal.

Absolutismo moageiro

Um acionista da Moagem, capitão tenente sr. Carlos Pereira, entendeu que o facto de possuir 70 acções lhe dava direito a assistir com voto deliberativo às assembleias. Ficou indignado com o facto de só terem direito a voto os 40 maiores acionistas. A sua indignação abandonou o supor que, embora não podesse votar, teria direito a assistir às assembleias. Mas, uma mais atenta consulta ao estatuto descobriu-o. A sua indignação recrudescerá: nem, ao menos podia assistir! Eis mais uma nova face da Moagem: há acionistas que põem e dispõem—o melhor número—que ditam a lei a uma maioria. A Moagem que para fora representa o roubo, por dentro representa a tirania. E tão grande é a tirania que até um acionista de 70 acções pode servir para vítima.

Em Hamburgo

Terminou a greve marítima. HAMBURGO, 18.—Terminou hoje a greve do porto de Hamburgo, em virtude dos grevistas aceitarem a decisão do tribunal de arbitragem.

SE OS ARTISTAS DESPERTASSEM...

O Congresso Teatral

“Se os trabalhadores de teatro se reconhechem como classe, cessará de vez o duelo entre a arte e o artista” — afirma-nos Romualdo de Figueiredo

Romualdo de Figueiredo que o Brasil reteve, ininterruptamente, alguns anos, não é o mais teatral, em que a aparência dissimula muitas vezes a sordidez da realidade, uma ficção. A sua acção está vinculada desde o ano longínquo em que se bateu, contra a rotina, contra o convencionalismo, nessa arrojada tentativa do Teatro Livre. Pertence ao número reduzido dos artistas que sabem a função da arte que se dedicam a ela e não a ultrajam cometendo contra ela os pecados que só na ignorância e na estultícia tem justificação. Não nos admiramos portanto que tivesse emprestado o seu nome—o seu valor e a sua energia—à organização do Congresso Teatral Português. Esse congresso—o primeiro que essa classe vai realizar—está destinado a ser o milagre que transforme o dinheiro do mero interesse mercenário nas rosas, nas belas rosas do amor penetrante à arte.

No calmo gabinete da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro, Romualdo de Figueiredo tem, quasi de entrada, esta exclamação, de desalento sincero:

— Os trabalhadores de teatro tem persistido, mau grado todas as adversidades e todos os esforços, em se ignorarem como classe. A sua força, a sua admirável força, parece destinada a uma perpétua imobilização.

Interrompemos:

— Nesse caso o congresso...

Mutação de estado de alma. Réplica sorridente:

— Não disse algures Guerra Junqueiro que nesta assembleia tam vasta que é o mundo, a bomba é uma espécie de campainha? Pois neste mundo tam adormecido que é o teatro, só o congresso pode servir de despertador.

— Que problemas discutirá o congresso?

— E cada para lhe poder responder concretamente. Os assuntos de que ele se há de ocupar tem de ser discutidos nos 27 núcleos que compõem a nossa associação de classe. Só depois dessa apreciação é que serão condensados em teses.

O nosso entrevistado, após um curto silêncio, prossegue:

— Certamente que no congresso se não discutirá as questões indistritas dos interesses materiais dos artistas. Mas, ele, tem uma função mais vasta, um horizonte mais livre e rasgado. Os interesses da arte, os interesses morais, o povo.

— Uma afirmação a finalizar:

— O povo deve merecer a preocupação do artista. Não é lógico afastar o povo da arte, porque a arte sempre se enobrece no contacto do povo. O teatro do povo só pode sair da abstracção se a mão vigorosa do artista a conduzir à realidade. No congresso defenderei essa ideia. Espero ver ao meu lado, lado desta bela ideia todos os que sendo artistas não podem deixar de amar o povo.

— Uma afirmação a finalizar:

— O povo deve merecer a preocupação do artista. Não é lógico afastar o povo da arte, porque a arte sempre se enobrece no contacto do povo. O teatro do povo só pode sair da abstracção se a mão vigorosa do artista a conduzir à realidade. No congresso defenderei essa ideia. Espero ver ao meu lado, lado desta bela ideia todos os que sendo artistas não podem deixar de amar o povo.

— Uma afirmação a finalizar:

— O povo deve merecer a preocupação do artista. Não é lógico afastar o povo da arte, porque a arte sempre se enobrece no contacto do povo. O teatro do povo só pode sair da abstracção se a mão vigorosa do artista a conduzir à realidade. No congresso defenderei essa ideia. Espero ver ao meu lado, lado desta bela ideia todos os que sendo artistas não podem deixar de amar o povo.

— Uma afirmação a finalizar:

— O povo deve merecer a preocupação do artista. Não é lógico afastar o povo da arte, porque a arte sempre se enobrece no contacto do povo. O teatro do povo só pode sair da abstracção se a mão vigorosa do artista a conduzir à realidade. No congresso defenderei essa ideia. Espero ver ao meu lado, lado desta bela ideia todos os que sendo artistas não podem deixar de amar o povo.

— Uma afirmação a finalizar:

— O povo deve merecer a preocupação do artista. Não é lógico afastar o povo da arte, porque a arte sempre se enobrece no contacto do povo. O teatro do povo só pode sair da abstracção se a mão vigorosa do artista a conduzir à realidade. No congresso defenderei essa ideia. Espero ver ao meu lado, lado desta bela ideia todos os que sendo artistas não podem deixar de amar o povo.

— Uma afirmação a finalizar:

— O povo deve merecer a preocupação do artista. Não é lógico afastar o povo da arte, porque a arte sempre se enobrece no contacto do povo. O teatro do povo só pode sair da abstracção se a mão vigorosa do artista a conduzir à realidade. No congresso defenderei essa ideia. Espero ver ao meu lado, lado desta bela ideia todos os que sendo artistas não podem deixar de amar o povo.

— Uma afirmação a finalizar:

— O povo deve merecer a preocupação do artista. Não é lógico afastar o povo da arte, porque a arte sempre se enobrece no contacto do povo. O teatro do povo só pode sair da abstracção se a mão vigorosa do artista a conduzir à realidade. No congresso defenderei essa ideia. Espero ver ao meu lado, lado desta bela ideia todos os que sendo artistas não podem deixar de amar o povo.

— Uma afirmação a finalizar:

— O povo deve merecer a preocupação do artista. Não é lógico afastar o povo da arte, porque a arte sempre se enobrece no contacto do povo. O teatro do povo só pode sair da abstracção se a mão vigorosa do artista a conduzir à realidade. No congresso defenderei essa ideia. Espero ver ao meu lado, lado desta bela ideia todos os que sendo artistas não podem deixar de amar o povo.

— Uma afirmação a finalizar:

— O povo deve merecer a preocupação do artista. Não é lógico afastar o povo da arte, porque a arte sempre se enobrece no contacto do povo. O teatro do povo só pode sair da abstracção se a mão vigorosa do artista a conduzir à realidade. No congresso defenderei essa ideia. Espero ver ao meu lado, lado desta bela ideia todos os que sendo artistas não podem deixar de amar o povo.

— Uma afirmação a finalizar:

— O povo deve merecer a preocupação do artista. Não é lógico afastar o povo da arte, porque a arte sempre se enobrece no contacto do povo. O teatro do povo só pode sair da abstracção se a mão vigorosa do artista a conduzir à realidade. No congresso defenderei essa ideia. Espero ver ao meu lado, lado desta bela ideia todos os que sendo artistas não podem deixar de amar o povo.

— Uma afirmação a finalizar:

— O povo deve merecer a preocupação do artista. Não é lógico afastar o povo da arte, porque a arte sempre se enobrece no contacto do povo. O teatro do povo só pode sair da abstracção se a mão vigorosa do artista a conduzir à realidade. No congresso defenderei essa ideia. Espero ver ao meu lado, lado desta bela ideia todos os que sendo artistas não podem deixar de amar o povo.

AO PROLETARIADO!

Auxiliai seis mil grevistas da Covilhã a lutar contra meia dúzia de almas vis que os querem reduzir à fome!

Hoje, sábado, que todos os trabalhadores recebem a sua fêria, embora pequena, mas uma fêria que sempre os vai ajudando a cus-tear a carostia, nenhum deve esquecer que à mesma hora, na Covilhã, cerca de seis mil operários, vítimas duma tirania que o presidente do ministério consente com a sua indiferença criminosa, não possuem um ceitil para comprar o pão que seus filhos famélicos reclamam.

Hoje, sábado, todos os proletários, todos os homens de bem

que compreendem a justiça que animou os operários covilhanenses a reclamar do patronato que vive à tripa fôrta e consome os melhores automóveis de luxo, tem o dever moral de levar à sede da C. G. T., aos seus sindicatos, na Calçada do Combro, 38-A, 2.º, a sua cota parte de solidariedade material que será enviada imediatamente para os grevistas mais necessitados da Covilhã.

Proletários, homens de ideais rasgados, corações que pulsais

por um ideal de regeneração e de liberdade: cada escudo que ofertardes aos heroicos grevistas—que preferem morrer de fome a render-se—é, ao mesmo tempo, um acto admirável de humanidade e um protesto veemente contra um governo, contra uma sociedade que permite quem milhares de homens lutem com a miséria enquanto outros os salpicam com a lama dos seus automóveis e das suas consciências vis!

Não vos esqueçais dos que sofrem!

Os crimes da polícia

Recordam-se os protestos indignados que os republicanos faziam no tempo da monarquia em contraste com a sua atitude de agora

Faz-se um pouco de história que não agradará aos que prometeram o paraíso

Em Lisboa, há muitos anos, passa talvez de trinta e por causa do preço do gás que a respectiva Companhia pretendia elevar, nessa ocasião, deram-se na mesma cidade diversos tumultos de que os republicanos se serviram habilmente para puxarem a brasa à sua sardinha como, de resto, faziam sempre em qualquer associação operária se realizavam sessões de propaganda ou festividades comemorativas no aniversário da respectiva fundação.

Quando isso acontecia já estavam caídos os republicanos, alimentando as reivindicações do operariado com a sua oratória inflamada contra o regime de posto, locando desde que a lista civil, adiantamentos à casa real, das listas das lamas do Tejo e doutros escândalos que eram virtudes, em comparação com o que se passa presentemente em Portugal e tem passado desde que ao povo português foi dada a inapreciável ventura de viver numa república democrática, ou venha a ser num regime político de «liberdade, igualdade e fraternidade».

Os «tempos ominosos»!

Como é grato recordá-los, para recordar, bem entendido, a boa camaradagem dos republicanos com as classes operárias, naqueles tempos idos de «barbaridade e tirania».

Que belos tempos, esses, em que os republicanos do apostolado, ombro a ombro com as classes operárias, faziam propaganda contra a lei de 13 de Fevereiro, a perseguição a Dreyfus, as atrocidades de Alcázar del Valle, a prisão de Máximo Gorki e o assassinato jurídico de Francisco Ferrer, hoje reabilitado, etc., etc.

Que belos tempos, esses, em que, nos comícios, os apóstolos da Democracia, confraternizando com «a canaleta de aluguel», apregoavam o bacalhau a pataco e prometiam às massas operárias, quando implantada a República, tudo quanto de justiça se lhes devia; um verdadeiro céu na terra, a garantia do seu direito à vida, no melhor dos mundos possíveis.

Que belos tempos, esses, em que a imprensa republicana estava incondicionalmente ao lado dos operários, dos fracos, dos oprimidos, contra «a Falperra de corê e manta», contra o juiz Veiga, contra João Franco, contra a reacção, contra os crimes dos Braganças».

Que belas horas, que belos dias, que belos meses e anos se viveram na deliciosa expectativa dum amanhã que é a realidade pavorosa da hora presente.

Que bela jornada, essa, dos operários com os republicanos, contra a iniqua sentença do tribunal de S. Julião da Barra, no caso da revolta dos marilheiros, promovida pelos dissidentes e como dessa tremenda iniquidade fizeram uma questão nacional os republicanos, dessa época e as classes operárias, com essa sempre à frente e um punhal de camaradas libertários.

Recordar é viver.

E a Rotunda, no 5 de Outubro?

A República aclamada e proclamada, em Setúbal, única e exclusivamente pelos operários daquela cidade, quando os republicanos timoratos e indecisos ali aconselhavam, no respectivo centro, que recolhessem todos às suas casas, aguardando os acontecimentos de Lisboa e deixando, todos eles, entregues à sua sorte a República nascente e a população da cidade, aos acasos revolucionários do movimento, sobremaneira crítico e perigoso.

E as etapas sucessivas em defesa e em prol da República, até às faldas do Monsanto?

Tudo isso para quê?

Abstenção de palavrado sobre a tremenda série de tremendas apostasias a que fomos assistindo, há treze anos, e voltamos aos tumultos que em Lisboa se deram, há trinta anos, como dizemos no começo deste artigo.

Quando isso foi e no sítio da Esperança, já de noite e durante um desses tumultos, aconteceu que um operário metálgico, um rapaz de apelido Par-dal, foi morto por um tiro de revólver que se disse ter sido disparado por um polícia, o que de resto não se averiguou.

Apoderaram-se os republicanos, de então, do corpo do malogrado operário, tiveram-no em câmara ardente e fizeram-lhe um funeral de pompa, com extraordinária concorrência das classes operárias, verberando nos seus jornais, que podiam ver-se, o procedimento desumano da polícia desse tempo.

Decorreram trinta anos.

Sobreveio a República.

Veja-se o noticiário dos jornais, nos últimos treze anos e compare-se o número de vítimas que a polícia fez durante esse período, comparando-o com os atentados policiais dos «tempos ominosos», nos últimos cinquenta anos de regime monárquico.

Se a polícia de Lisboa, na vigência desse regime, tivesse feito o que a polícia actual faz todos os dias, o que diriam os jornais republicanos daquele tempo, o que diriam os apóstolos, nos seus comícios?

Nem tanto nem tam pouco seria preciso para derrubar o regime dos adiantamentos.

Carira o Carmo e a Trindade, toda a polícia seria dissolvida e desarmada e rigorosamente castigados todos os seus agentes, reconhecidos autores de assassinatos na pessoa de criaturas indefesas e inocentes.

Hoje, em plena Democracia, neste regime «do povo pelo povo» em que nos é dado agonisar, tanto monta a polícia, aos apóstolos aposentados e a imprensa republicana a vida dum homem do povo, operário ou não, como a vida dum cão danado que põe em perigo a vida de quem passa por ele.

Por dá cá aquela palha, sem trinta nem quarte, qualquer polícia, agalado ou não, pucha da pistola ou do sabre e mata ai, em pleno dia, em plena rua, quem foge dum perigo ou quem, a desoras e à falta de ourinhos, dá alívio à bexiga, de encontro a uma parede, num sítio escuso.

E a polícia que isso faz, obedece, certamente a ordens recebidas.

Dá para baixo e a matar, seja em quem for e pelo que for.

De maneira que a polícia da actualidade, em vez de se tornar respeitada ou temida, passou a tornar-se odiosa e odiada.

Em vez de ser um elemento de ordem e segurança pública, converteu-se num elemento de permanente desordem, num perigo constante e tremendo contra a vida e a segurança dos cidadãos pacíficos.

Porque não há de nobilitar-se e prestigiar-se a polícia, nobilitando e prestigiando o regime?

Porque não há de a República des-sar e ter uma polícia e uma guarda como elas eram nos «tempos ominosos», sequer ao menos?

Francamente, senhores da República, com uma polícia assim, para uma liberdade como aquela que temos, para uma democracia como aquela que nós representais, dizil-me vós todos, com a mão na consciência, se valeu a pena combater a vossa lado na defesa dos vossos ideais políticos e se esta é, não direi a República sonhada, mas a República que não perdesse o seu prestígio no confronto doloroso, na esmagadora comparação do presente com o passado.

Pensai nisto e emendai a mão, frizandobem que a República, no seu conceito político e na sua essência necessária, liberal e, por conseguinte, igualitária, não pode estar metida na banha dum sabre, ou no cano dum pistola policial, numa constante ameaça contra a vida do povo que ainda e quando me não deixou de ser republicano, na sua grande maioria, mas cujo republicanismo arrefeceu, à proporção que os agentes policiais arrefeceram o céu da boca a qualquer, como jamais e por algum motivo se fez no tempo da monarquia, como o sabeis perfeitamente.

E vós outros, senhores do governo, meditai profundamente sobre o que deixo dito.

Honrai a República no respeito pela vida humana e recomendai a vossa política que bem pode ser contra vós, amanhã, que tenha em mais algum respeito a vida, pelo menos, dos cidadãos portugueses, sem exclusão dum só, sobretudo se alguma vez colhido nas malhas da rede policial.

Se a polícia de Lisboa, na vigência desse regime, tivesse feito o que a polícia actual faz todos os dias, o que diriam os jornais republicanos daquele tempo, o que diriam os apóstolos, nos seus comícios?

Nem tanto nem tam pouco seria preciso para derrubar o regime dos adiantamentos.

Carira o Carmo e a Trindade, toda a polícia seria dissolvida e desarmada e rigorosamente castigados todos os seus agentes, reconhecidos autores de assassinatos na pessoa de criaturas indefesas e inocentes.

Hoje, em plena Democracia, neste regime «do povo pelo povo» em que nos é dado agonisar, tanto monta a polícia, aos apóstolos aposentados e a imprensa republicana a vida dum homem do povo, operário ou não, como a vida dum cão danado que põe em perigo a vida de quem passa por ele.

Por dá cá aquela palha, sem trinta nem quarte, qualquer polícia, agalado ou não, pucha da pistola ou do sabre e mata ai, em pleno dia, em plena rua, quem foge dum perigo ou quem, a desoras e à falta de ourinhos, dá alívio à bexiga, de encontro a uma parede, num sítio escuso.

E a polícia que isso faz, obedece, certamente a ordens recebidas.

Dá para baixo e a matar, seja em quem for e pelo que for.

De maneira que a polícia da actualidade, em vez de se tornar respeitada ou temida, passou a tornar-se odiosa e odiada.

Em vez de ser um elemento de ordem e segurança pública, converteu-se num elemento de permanente desordem, num perigo constante e tremendo contra a vida e a segurança dos cidadãos pacíficos.

Porque não há de nobilitar-se e prestigiar-se a polícia, nobilitando e prestigiando o regime?

Porque não há de a República des-sar e ter uma polícia e uma guarda como elas eram nos «tempos ominosos», sequer ao menos?

Francamente, senhores da República, com uma polícia assim, para uma liberdade como aquela que temos, para uma democracia como aquela que nós representais, dizil-me vós todos, com a mão na consciência, se valeu a pena combater a vossa lado na defesa dos vossos ideais políticos e se esta é, não direi a República sonhada, mas a República que não perdesse o seu prestígio no confronto doloroso, na esmagadora comparação do presente com o passado.

Pensai nisto e emendai a mão, frizandobem que a República, no seu conceito político e na sua essência necessária, liberal e, por conseguinte, igualitária, não pode estar metida na banha dum sabre, ou no cano dum pistola policial, numa constante ameaça contra a vida do povo que ainda e quando me não deixou de ser republicano, na sua grande maioria, mas cujo republicanismo arrefeceu, à proporção que os agentes policiais arrefeceram o céu da boca a qualquer, como jamais e por algum motivo se fez no tempo da monarquia, como o sabeis perfeitamente.

E vós outros, senhores do governo, meditai profundamente sobre o que deixo dito.

Honrai a República no respeito pela vida humana e recomendai a vossa política que bem pode ser contra vós, amanhã, que tenha em mais algum respeito a vida, pelo menos, dos cidadãos portugueses, sem exclusão dum só, sobretudo se alguma vez colhido nas malhas da rede policial.

Se a polícia de Lisboa, na vigência desse regime, tivesse feito o que a polícia actual faz todos os dias, o que diriam os jornais republicanos daquele tempo, o que diriam os apóstolos, nos seus comícios?

Nem tanto nem tam pouco seria preciso para derrubar o regime dos adiantamentos.

Carira o Carmo e a Trindade, toda a polícia seria dissolvida e desarmada e rigorosamente castigados todos os seus agentes, reconhecidos autores de assassinatos na pessoa de criaturas indefesas e inocentes.

Hoje, em plena Democracia, neste regime «do povo pelo povo» em que nos é dado agonisar, tanto monta a polícia, aos apóstolos aposentados e a imprensa republicana a vida dum homem do povo, operário ou não, como a vida dum cão danado que põe em perigo a vida de quem passa por ele.

Por dá cá aquela palha, sem trinta nem quarte, qualquer polícia, agalado ou não, pucha da pistola ou do sabre e mata ai, em pleno dia, em plena rua, quem foge dum perigo ou quem, a desoras e à falta de ourinhos, dá alívio à bexiga, de encontro a uma parede, num sítio escuso.

E a polícia que isso faz, obedece, certamente a ordens recebidas.

Dá para baixo e a matar, seja em quem for e pelo que for.

De maneira que a polícia da actualidade, em vez de se tornar respeitada ou temida, passou a tornar-se odiosa e odiada.

Em vez de ser um elemento de ordem e segurança pública, converteu-se num elemento de permanente desordem, num perigo constante e tremendo contra a vida e a segurança dos cidadãos pacíficos.

Porque não há de nobilitar-se e prestigiar-se a polícia, nobilitando e prestigiando o regime?

Porque não há de a República des-sar e ter uma polícia e uma guarda como elas eram nos «tempos ominosos», sequer ao menos?

Francamente, senhores da República, com uma polícia assim, para uma liberdade como aquela que temos, para uma democracia como aquela que nós representais, dizil-me vós todos, com a mão na consciência, se valeu a pena combater a vossa lado na defesa dos vossos ideais políticos e se esta é, não direi a República sonhada, mas a República que não perdesse o seu prestígio no confronto doloroso, na esmagadora comparação do presente com o passado.

Pensai nisto e emendai a mão, frizandobem que a República, no seu conceito político e na sua essência necessária, liberal e, por conseguinte, igualitária, não pode estar metida na banha dum sabre, ou no cano dum pistola policial, numa constante ameaça contra a vida do povo que ainda e quando me não deixou de ser republicano, na sua grande maioria, mas cujo republicanismo arrefeceu, à proporção que os agentes policiais arrefeceram o céu da boca a qualquer, como jamais e por algum motivo se fez no tempo da monarquia, como o sabeis perfeitamente.

E vós outros, senhores do governo, meditai profundamente sobre o que deixo dito.

Honrai a República no respeito pela vida humana e recomendai a vossa política que bem pode ser contra vós, amanhã, que tenha em mais algum respeito a vida, pelo menos, dos cidadãos portugueses, sem exclusão dum só, sobretudo se alguma vez colhido nas malhas da rede policial.

Se a polícia de Lisboa, na vigência desse regime, tivesse feito o que a polícia actual faz todos os dias, o que diriam os jornais republicanos daquele tempo, o que diriam os apóstolos, nos seus comícios?

Nem tanto nem tam pouco seria preciso para derrubar o regime dos adiantamentos.

Carira o Carmo e a Trindade, toda a polícia seria dissolvida e desarmada e rigorosamente castigados todos os seus agentes, reconhecidos autores de assassinatos na pessoa de criaturas indefesas e inocentes.

Hoje, em plena Democracia, neste regime «do povo pelo povo» em que nos é dado agonisar, tanto monta a polícia, aos apóstolos aposentados e a imprensa republicana a vida dum homem do povo, operário ou não, como a vida dum cão danado que põe em perigo a vida de quem passa por ele.

Por dá cá aquela palha, sem trinta nem quarte, qualquer polícia, agalado ou não, pucha da pistola ou do sabre e mata ai, em pleno dia, em plena rua, quem foge dum perigo ou quem, a desoras e à falta de ourinhos, dá alívio à bexiga, de encontro a uma parede, num sítio escuso.

E a polícia que isso faz, obedece, certamente a ordens recebidas.

Dá para baixo e a matar, seja em quem for e pelo que for.

De maneira que a polícia da actualidade, em vez de se tornar respeitada ou temida, passou a tornar-se odiosa e odiada.

Em vez de ser um elemento de ordem e segurança pública, converteu-se num elemento de permanente desordem, num perigo constante e tremendo contra a vida e a segurança dos cidadãos pacíficos.

Porque não há de nobilitar-se e prestigiar-se a polícia, nobilitando e prestigiando o regime?

Porque não há de a República des-sar e ter uma polícia e uma guarda como elas eram nos «tempos ominosos», sequer ao menos?

AS GREVES

A' dos marítimos aderiu o pessoal da Exploração do Porto de Lisboa, prestando a sua solidariedade à Federação Corticeira

Prosegue a greve marítima com uma calma, e uma firmeza, devesse espantosa. Não há defeições e o público, elucidado pela *Batalha*, está em espírito ao lado dos grevistas.

A greve pouco a pouco vai tomando maior extensão. O pessoal da Exploração do Porto de Lisboa, cujo serviço está intimamente ligado com o movimento marítimo do porto, numa entusiástica assembleia resolveu unanimemente aderir à greve votada pela Federação Marítima. Já ontem todo o pessoal abandonou o trabalho. Apenas nos entrepostos da Central e Jardim do Tabaco há dezasseis amarelos, os amarelos de todas as greves. Este pessoal reúne hoje, pelas 14 horas, na sede da sua associação.

A fim de coadjuvar a greve dos marítimos a Federação Corticeira aconselha toda a classe a não fazer cargas nem descargas de cortiça, solidarizando-se assim com os lutadores que tem a razão pelo seu lado.

Parte do pessoal do vapor *Peniche*, que, como ontem noticiamos, foi preso por se recusar muito legitimamente a tirar o movimento grevista, até hora em que escrevemos ainda não foi posta em liberdade, embora uma comissão tenha andado a tratar do assunto.

Do comitê da greve recebemos a seguinte nota:

«Camaradas! Ao segundo dia de luta, este comitê congratula-se pela firmeza que os grevistas têm mantido. Há muito tempo que a classe patronal vinha mantendo atitudes de desafio, como que a querer medir forças com a Federação Marítima. Meia dúzia de cavalheiros pretendem vencer, esmagar milhares e milhares de trabalhadores. Mas não o conseguirão. Os trabalhadores não devem ter medo do papão.

Este comitê avisa todas as classes em luta que sigam com atenção as notas que publica na *Batalha*, nosso órgão na imprensa, o único que deve merecer-nos confiança.

Não deveis acatar outras indicações que não sejam as deste comitê.

Enquanto as classes marítimas souberem impor-se como trabalhadores organizados, não haverá quem as vença.

Viva as classes em greve e a C. G. T.» — O Comitê.

COVILHÃ

A greve dos operários têxteis

COVILHÃ, 18. — T. — A despeito das perseguições do administrador do Concelho, os heróicos operários têxteis persistem em não se render. O dr. Campos Lima, advogado da C. G. T., teve com o administrador várias entrevistas. Porém os interesses particulares da referida autoridade anteponem-se aos interesses da cidade e do proletariado. Lava indignação contra a indiferença do governo que permite estar à testa deste concelho uma autoridade manifestamente suspeita. Tem causado excelente impressão a enérgica defesa que a *Batalha* tem feito dos grevistas. — C.

Classes que reclamam

Cortadores

A classe dos cortadores, reunida em assembleia magna, na sua máxima força, aprovou por unanimidade uma moção com as seguintes conclusões:

1.º — Dar plenos poderes às comissões eleitas, para agirem por todas as formas, ainda as mais violentas, contra o desprêzo votado à sua classe pela classe patronal.

2.º — Avistar-se no mais curto prazo, com o ministro da Agricultura.

3.º — Votar a greve em princípio.

4.º — Conservar-se em sessão permanente até completa satisfação das suas reclamações.

Funcionários do Município

A direcção do Grémio dos Funcionários do Município de Lisboa, entregou ontem ao presidente da Comissão Executiva da Câmara, dr. sr. Marques da Costa, uma representação pedindo a aprovação de uma organização dos serviços municipais, de um regulamento disciplinar e bem assim melhoria de situação económica para aqueles funcionários.

O dr. sr. Marques da Costa, depois do dr. sr. Joaquim Kopke ter verbalmente justificado o desejo do Grémio, prometeu fazer chegar ao conhecimento de todos os seus colegas o pedido dos empregados, aos quais podia garantir que da parte da vereação não encontrariam se não o propósito de fazer uma administração honesta, procurando fazer justiça e respeitar os direitos legítimos dos funcionários.

Mutualismo e cooperativismo

Associações de S. M. «O Destino» e «Igualdade». — Como noticiamos, é hoje que se realiza na sede destas associações uma sessão solene, pelas 15 horas, de homenagem à memória dos estrênuos mutualistas srs. drs. Aníbal Esmeriz e José Basto, cujos retratos serão inaugurados.

Em Santa Clara

O discurso do dr. Caetano Pereira

Reabriu ontem a audiência pelas 13 horas.

A audiência que estava marcada para o meio dia, reabriu a uma hora.

O presidente general Camacho, mandou levantar o réu João Dionísio dos Santos, tendo em seguida a palavra o dr. Caetano Pereira, que dirigindo-se ao promotor, disse:

«Estou num tribunal militar, entre fardas, e sinto-me solidário também. Tenho horror pelos crimes de morte, e, caso curioso, em toda a minha vida de advogado só tenho tomado conta de crimes de morte.

Dirigindo-se ao júri:

«É necessário discriminarmos as responsabilidades. A volta deste processo, muito se tem falado em opinião pública, mas eu não sei quando é que ela tem valor, se é quando se defende ou acusa...»

A seguir, presta homenagem às vítimas da revolução de 19 de Outubro.

O promotor, na sua acusação, foi frio e leal. Cumpriu o seu dever. Mas, se ficar derrotado, há-de ter o orgulho de ficar com as armas na mão.

Refere-se à forma como foram dirigidas as investigações. Chegou a hora da penitência. Do que tem sucedido, são culpados todos os políticos do país, visto terem criado o ambiente para as revoluções.

Pro-pesos por questões sociais

Comissão Central

Reúne hoje, pelas 21 horas, esta Comissão, para tratar de assuntos que se preendem com o auxílio a prestar aos presos, apreciar um postal enviado por um preso comunista que se encontra no Forte de Monsanto, e ainda o resultado da festa que se realizou na Casa Ferroviária do Barreiro.

Coliseu

Recreios

HOJE

A's 21 horas

Surpreendente espectáculo

Rigoletto

A notabilíssima partitura de Verdi com um desempenho ultra-fenomenal.

Récita

que se não repete

A'manhã:

A TOSCA

Raquel Basios

Alessio de Paolis

De Franceschi

Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Confederal

Reuniu na quinta-feira 22 horas, estando representados os seguintes organismos: Unões dos Sindicatos de Lisboa, Porto, Évora, Faro e Alameda; Federações: Metalúrgica, Livro e Jornal, Calçado, Curores, Peles, Empregados no Comércio, e Mobiliária; Sindicatos do Arsenal do Exército e dos Minérios de Aljustrel. Aberta a sessão é lido o expediente. Ofício dos têxteis da Covilhã participando as prepotências exercidas pelas autoridades locais, não permitindo de modo algum, as reuniões da classe e pedindo o envio do advogado e um delegado da Confederação; ofício da Construção civil de Setúbal participando a existência de editais, mandados afixar pelo secretário de finanças, em que se determina as condições de obediência ao decreto das contribuições industriais.

Resolvido que o Conselho Jurídico estude o mesmo e se pronuncie.

Documento de Francisco de Sousa em que este delegado pede a sua demissão do Conselho Jurídico por motivo de doença. Aceite.

Ofício da A. L. T. solicitando o envio de subsídios de informação de carácter moral, político, económico, etc. para publicação do órgão que aquela Internacional projecta criar, bem como a nomeação dum secretário correspondente para o mesmo serviço.

Um documento de Jerónimo de Sousa em que pede a sua demissão do comitê.

Apreciado de passagem, ficou resolvido que o conselho se ocupe do caso numa próxima sessão.

Manuel Nunes lê o relatório da sua ida a Alameda Nova de S. Bento pelo 1.º de Maio, por uma passagem da qual se constata haver em Sobral d'Adiga um filiado no partido comunista que está reorganizando o sindicato dos rurais, o que faz duvidar das suas intenções.

Termina propondo: 1.º — Para que sejam enviados números de *A Batalha* e folhetos de propaganda para aquelas localidades; 2.º — Para que a C. G. T. se entenda com a federação rural a fim de se conseguir a sindicalização dos pastores que ali são em grande número; 3.º — Para ser enviado um delegado à sessão de inauguração do Sindicato dos Rurais do Sobral d'Adiga.

Ofício do Sindicato dos Alfaiates de Lisboa, a propósito da circular 32. Santos Arranha declara que na próxima sessão lerá o relatório da sua ida a Portimão, tendo em seguida uma exposição da forma como tem funcionado o conselho em que se constata a falta de alguns delegados, comunicando ainda que os delegados que se destinavam a Cascais e Aldegaia pelo 1.º de Maio, não cumpriram a sua missão.

Jesus Gabriel chama a atenção para o facto de alguns organismos não fazerem as requisições de expediente confederal com a regularidade necessária, propondo para que o conselho se ocupe deste caso, numa próxima e exclusiva reunião.

Alfredo Pinto chama a atenção para a necessidade que há de se estabelecer o regulamento da caixa de solidariedade, sendo resolvido que na próxima sessão, que se ocupe do assunto. Devido ao adiantado da hora, foi encerrada a sessão sem que se chegasse a entrar na ordem dos trabalhos.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grémio Recreativo Gouveense.

«É amanhã que se realiza na vasta esplanada deste Grémio, rua da Oliveira, 46, um *pic-nic* promovido pela comissão de festas.

Concentração Musical 24 de Agosto. — Hoje há recita e baile até de madrugada. A'manhã baile.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade

Reúne este Secretariado e aprecia diversos expedientes enviados, respondendo a alguns sindicatos por intermédio da nossa secção telegráfica.

De novo pedimos a todos os interessados que para se utilizarem das consultas que às 5.ªs feiras se dão, torna-se indispensável a apresentação da respectiva caderneta confederal, pois de contrário não poderão servir-se desta regalia, a fim de evitar situações que sejam duvidosas.

Tem este Secretariado recebido por vezes efusivos dimandados de organismos que se antecipam na sua maneira de ver sobre situação de presos, sendo prevenidos que o auxílio aos mesmos só será prestado aqueles que sejam confederados, pois os que não forem não têm direito algum a dentro deste Secretariado, lamentando nós que ainda existam camaradas que não sejam confederados.

Existia a comissão pro-pesos por delinções sociais que distribui auxílio prove-

EDEN-TEATRO

2-ESPECTACULOS-2

Com a 5.ª e 6.ª representação da revista de grande êxito, original de Alberto Barboza e Pereira Coelho

O 31

Graça e fina crítica

Música deliciosa

Scenários brilhantíssimos

Bombeiros Voluntários do Dafundo

Realiza-se amanhã, dia 20, pelas 12 horas, nesta Associação uma festa comemorativa do seu 11.º aniversário, a qual consta de exercício pelo Corpo Activo e pelas 14 horas uma sessão solene, na qual serão entregues alguns diplomas a aqueles dos sócios que mais se distinguiram durante o ano transacto.

DESPORTOS

Futebol

Taça «Mutilados da Guerra»

Realiza-se amanhã, domingo, o encontro entre Os Belenenses e o Império, cujo vencedor disputará a final com o Caravelinhos, vencedor do Sporting, o actual campeão de Lisboa.

É de esperar que o encontro seja rijamente disputado, em virtude dos resultados ultimamente obtidos com o Nelsky, e ainda ao desafio do Campeonato entre os mesmos grupos da qual saiu vencedor, dificilmente, os Belenenses, por 1 a 0, depois de serem francamente dominados pelos homens de Palmavil.

O desafio, que se realiza no campo de Palmavil, começará às 17 horas.

Realiza-se amanhã às 16 horas no Campo da Cruz Quebrada o 1.º desafio da Taça Victor Manuel entre o Sporting Club Barroca e o Casino Sporting Club, pelo qual se pede a compresença dos seguintes jogadores: Otelo Góis, Mário Nobre, cap, José Franco, Manuel Duarte, Umberto Nunes Cesar, António Pechelma, Francisco Aires, António Viegas, José Viegas, António Dourado e Luís Migueis. Sapientes: Alvaro Videira, Diogo da Costa e Adolfo Pires.

Hockey

Realiza-se hoje no campo das Laranjeiras, às 17 horas, um desafio de Hockey em campo entre o Sport Lisboa e Benfica e o Club Internacional de Foot-ball.

Festa Nacional de Educação Física

Reúniu-se ontem, na Inspeção Geral de Saúde Escolar, o júri de Lisboa da Festa Nacional de Educação Física, que se realiza nos dias 25, 26 e 27 do corrente, para examinar os boletins de inscrição apresentados pelos directores dos diversos estabelecimentos científicos de ensino que este ano concorrem à festa. As provas desportivas realizam-se no liceu de Pedro Nunes nos dias 25 e 26, e as provas de canto coral, de gímnastica educativa e as provas dos desportos atléticos, efectuam-se no domingo 27, no Stadium de Lisboa. As estas últimas provas devem concorrer cerca de 4.000 crianças.

Solidariedade

Comunicamos ao pessoal que trabalha por conta do Conselho Técnico de S. U. da Construção Civil que fez uma queixa em favor dos grevistas têxteis da Covilhã, que rendeu 113590, e uma outra para os presos por questões sociais, que rendeu 13800.

de protestar contra a maneira incorrecta como procedeu o director do Depósito de Material de Guerra, coronel Monteiro Guimarães, para com a comissão de melhoramentos a propósito do despedimento dum operário; dar todos os poderes à comissão de melhoramentos para resolver sobre o agravo feito ao pessoal; solidarizar-se nas classes em luta.

CONVOCAÇÕES

Manufactores de Calçado.

Reúne em assembleia geral no dia 22 do corrente, para discutir o relatório da comissão de melhoramentos do último movimento, apreciar a situação dum camarada arbitrariamente preso e rectificação das resoluções tomadas sobre a questão da Internacional.

S. U. da Construção Civil. — Secção profissional dos Estudantes. — A comissão administrativa aprovou propostas de novos sócios e resolveu convocar a reunião na próxima terça-feira, pelas 20 horas, com o 1.º secretário interino, todos os delegados que fazem parte desta comissão.

Calceteiros. — Reúne hoje, em assembleia geral, às 21 horas, para apreciar a forma como vai ser concedida uma empreitada da Câmara.

Sindicato Unico Metalúrgico. — Para continuação de trabalhos pendentes da última reunião e ainda para resolver outros assuntos de transcendental importância, reúne hoje, às 19 horas, a Comissão Administrativa.

Secção do Alto do Pina. — A fim de se restabelecer a normalidade na cobrança e ainda por motivo de haver grande quantidade de expediente na Central e que diz respeito à respectiva área, deve hoje reunir na sede central, com a Comissão Administrativa, um representante desta Secção.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Federação dos Trabalhadores Rurais. — Comissão Administrativa.

Reúne em 15 do corrente para tratar de vários assuntos da organização sindical. Apreciado váio expediente dos sindicatos de Montemor, Mesines, Alter do Chão, Vimieiro e Saborro.

Foi resolvido enviar delegados ao Saborro e Alter do Chão.

CONFERÊNCIAS

Os grandes escritores russos

Na sede da Universidade Popular Portuguesa, rua Particular à rua Almeida e Sousa, inicia-se hoje, pelas 21 horas, uma série de conferências sobre «Os grandes escritores russos», Tolstói, Gogol, Gorki, Turgenieff, Andrei, etc. E' conferência o escritor e advogado do russo dr. Boris Kirchna.

Estão convidados para estas conferências os professores e alunos das escolas de Lisboa.

No final das conferências haverá sessão cinematográfica.

Escola Primária Superior «Adolfo Coelho»

Continuam sendo cada vez mais concorridas as conferências semanais realizadas nesta Escola. E' conferência, hoje, às 21 e meia horas, o sr. capitão Camilo de Oliveira, que se ocupará de «A melhor moral é a que a Natureza nos ensina».

Na Marinha Grande

A convite da administração da Nacional Fábrica de Vidros da Marinha Grande, o sr. Armando Lucena realiza amanhã, no teatro Steffens, uma interessante conferência subordinada ao tema Monumentos de Portugal.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.

— São convidadas as secções e camaradas a virem buscar à sede o Despertar.

Sede Central. — Os camaradas que estão em atraso de cotização, devem vir hoje à sede, onde se encontra um delegado das 20 às 23 horas, satisfazer o seu débito.

Secção da Construção Civil. — Os jovens em atraso de cotas devem regularizar hoje a sua situação, podendo-se em dias.

Biblioteca. — Na sede do núcleo encontra-se instalada, provisoriamente, a biblioteca juvenil, podendo ser frequentada todos os dias úteis, das 20 às 22 horas.

É de esperar que a mocidade operária secundada a iniciativa da comissão executiva, procurando elevar a sua mentalidade, frequentando a biblioteca que agora se reorganiza.

Os que morrem

Claudina da Cruz Martins

Após 10 meses de horróssimo sofrimento, faleceu ontem na casa de sua residência, rua Cidade Liverpool, n.º 5 4.º, Esq., Claudina da Cruz Martins, companheira do ex-operário da Cartis, Armando Martins.

O funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas, para o cemitério Oriental.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

ILUMINAÇÃO

Em resposta ao comunicado das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, publicado nos jornais, e para esclarecimento da Cidade de Lisboa, se transcreve o artigo 10.º e seu parágrafo do acordo entre as mesmas Companhias e a Câmara Municipal:

ARTIGO DÉCIMO. — Antes do fim de cada trimestre a Sociedade enviará à Câmara todos os elementos necessários para verificação do custo do carvão, como fica estabelecido no artigo anterior e seu parágrafo, acompanhados da proposta da alteração da tarifa, se houver lugar de a fazer. Uma Comissão, composta do Vereador do Pelouro das Finanças e dos Chefes da segunda e terceira repartições, verificará o custo do carvão e dará o seu parecer, que habilitará a Comissão Executiva a resolver sobre a tarifa que a Sociedade deverá ficar autorizada a cobrar no trimestre seguinte.

PARÁGRAFO UNICO. — As alterações da tarifa serão publicadas à custa da Câmara no Diário do Governo e em dois jornais mais lidos na cidade, afim de o público ter conhecimento das condições em que lhe será feito o fornecimento durante o trimestre a que as tarifas se referam.

Fica o público avisado de que, no caso das Companhias aplicarem o disposto no parágrafo 4.º do artigo 14.º da Apólice (suspensão do fornecimento de luz), o deve comunicar imediatamente à Comissão Executiva, afim de logo serem tomadas as providências que tal caso requiere.

Paços do Concelho, em 16 de Maio de 1923

Pela Comissão Executiva

O Presidente,

(a) A. Marques da Costa

